

## A POESIA RELIGIOSA DE JORGE DE LIMA E DE MURILO MENDES – IMAGINÁRIO MITOPOÉTICO

Késia Brasil Pereira Nacif (PUC-GOIÁS)<sup>1</sup>  
Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC-GOIÁS)<sup>2</sup>

**Resumo:** A proposta do trabalho é apresentar o estudo de uma investigação científica sobre a poesia religiosa de Jorge de Lima e de Murilo Mendes, considerando a interface da poética do imaginário e a natureza do texto poético numa abordagem comparativa. Nesse sentido, a pesquisa tem como pressupostos teóricos a teoria crítica sobre o conceito de poético, do imaginário e dos aspectos estéticos, imagéticos, míticos e místicos dos poemas.

**Palavras-chave:** Poesia religiosa; Imaginário; Mitopoético.

### Introdução

O período modernista sofreu grandes influências artísticas. O Verde Amarelo, por exemplo, de Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia provocou fortes contribuições folclóricas, onde exaltava as raízes locais e retratavam toda uma cronologia dos heróis brasileiros.

Outro período de grande influência modernista foi o movimento Antropofágico. Momento onde Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Raul Bopp e Alcântara Machado trouxeram uma visão regionalista marcada por releituras da época e marcas históricas do período onde o estrangeirismo e a cultura nacional, da época por volta da década de 20 a 30, se convergiam.

Estas miscelâneas culturais eram acesas por diferenças culturais e imagéticas associações de Liberdade, linguagem poética com espírito da modernidade em ação, retratação da vida cotidiana, valorização do humor e vanguardas europeias robustas da

---

<sup>1</sup> Késia Brasil Pereira Nacif, kesiabrasil@gmail.com, Mestranda em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás na linha de Literatura Crítica, <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4415037J1>

<sup>2</sup> Profa. Dra. Orientadora da mestranda. Maria de Fátima Gonçalves Lima. Possui graduação em Letras (1985) e Direito pela (PUC/GO) (1987), mestrado em Literatura Brasileira pela UFG (1992), doutorado em Letras (Área de Teoria da Literatura) pela UNESP - São José do Rio Preto (2004) e pós-doutorado pela PUC do Rio de Janeiro (PUC/Rio)(2009) e Pós-doutorado pela PUC São Paulo (2014). É Docente do Curso de Letras da PUC Goiás, Coordenadora do Mestrado em Letras - Literatura e Crítica Literária da PUC Goiás. Tem experiência na área de Letras e Linguagem Jurídica, atuando principalmente nos temas: literatura brasileira, crítica literária e teoria do texto poético. É ensaísta e autora de obras de crítica e Literatura Infante juvenil. É líder de dois Grupos de Estudos Literários. Desenvolve um estudo sobre teoria da linguagem poética e membro efetivo do GT- Teoria do texto poético (ANPOLL). É membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de Goiânia e pertence a várias associações culturais.

CV: <http://lattes.cnpq.br/8056641507047911> [fatimma@terra.com.br](mailto:fatimma@terra.com.br)



época. O cinema, a velocidade, o povo são representações modernas que eclodiram com frequência da vida corrente.

É de suma importância ressaltar que os movimentos: Pau-Brasil, Verde-Amarelo, Antropofágico e Espiritualista foram alicerces do período modernista.

Todavia, o movimento Pau-Brasil exterioriza uma cultura abaulada pela redescoberta. Oswald de Andrade defende a poesia como um produto cultural. O rito Verde-amarelo foi um período de grandes transformações com seus rastros de lutas, uma inquietação e reações ao modelo nacionalista. Neste âmago, nasce a fase antropofágica. Artisticamente evidencia um movimento contracultura europeia, apresentando uma análise do “devorar” e “reelaborar”. A transição entre o devorar e o reelaborar e acrescentaríamos, ainda, o internalizar, nos sugere uma busca interior. Surge então o movimento espiritualista uma reconciliação entre o passado e o futuro. Período de valorização da cultura regional e em especial a nordestina.

Neste período cultural que repercute fortemente sobre a cena artística e literária na metade do século XX, situada entre o Simbolismo, Pós-Modernismo e Pré Modernismo/Escola literária, marca a mudança artística.

### **A poesia religiosa de Jorge de Lima**

O modernismo era marcado por suas características de libertação estética, ruptura do tradicionalismo, experimentações artísticas, liberdade formal, linguagem com humor e valorização do cotidiano. A modernidade por sua vez, expõe uma crítica literária diversificada, com estilos variados. Jorge de Lima e Murilo Mendes contribuíram com esta crítica principalmente tratando do movimento espiritualista da década de 1930. Suas poesias abordam a convivência entre a tradição, o novo, o sublime, o regional e o universal numa religiosidade barroca e transcendente.

Deleitando o olhar nas obras de Jorge de Lima e Murilo Mendes um panorama da poesia brasileira modernista, se vislumbra. Observamos, em seus veios poéticos, um mergulho profundo e sintomático em simbologias, analogias, oralidades, musicalidades, percepções críticas e religiosas, inseridas numa perspectiva do imaginário. Estudiosos como Gilbert Durand e Bachelard explicitam como este imaginário se constitui.



Revisitando literaturas e estudos sobre a Poética do Imaginário notamos que as pesquisas sobre o pensamento dos teóricos trazem contribuições fenomenológicas do que seria o imaginário, o simbólico, a imaginação e o místico.

Para Durand as imagens e o mítico são simbologias pensadas do *homo sapiens*. Bachelard, por sua vez, nos apresenta uma análise efêmera da experiência humana utilizando elementos da natureza como: *ar, fogo, água e terra* como construtores da fenomenologia da imagem e suas simbologias e místicas. Durand, relata em suas obras, que o ser humano é dotado de extrema capacidade de formar símbolos, em sua trajetória sócio cultural. Sua análise se organiza sob o método da convergência, que seria um reagrupamento das constelações reflexológicas onde a postura, a verticalidade, a simbologia, as narrativas místicas, a busca do interior para o exterior e do exterior para o interior se instalam uma transcendência antropológica do imaginário entre o “eu e o mundo”.

Nesta busca incessante Jorge de Lima e Murilo Mendes nos apresentam uma mística poética vigorosa de signos e significados religiosos, históricos, cotidianos; constituindo suas obras num conjunto poético de textos voltados para a experiência imaginativa, e o pensamento que valoriza o lado místico da vida.

Nordeste

Nordeste, terra de São Sol!  
Irmã enchente, vamos dar graças a Nosso Senhor,  
que a minha madrastra Seca torrou seus anjinhos  
para os comer.  
São Tomé passou por aqui?  
Passou, sim senhor!  
Pajeú! Pajeú!  
Vamos lavar Pedra Bonita, meus irmãos,  
com o sangue de mil meninos, amém!  
D. Sebastião ressuscitou!  
S. Tomé passou por aqui?  
Passou, sim senhor.

(LIMA, ( 2000) p. 90.)

A viagem imagética do poema de Jorge de Lima nos convida a ir até o seio poético da palavra, “Nordeste”. Esta palavra significa o meio entre as direções norte e leste. É o seguimento, a bússola para o leste, para onde o sol levanta. No Nordeste o sol é abençoado: “Nordeste, terra de São Sol! ”, porque nunca morre, renasce no dia seguinte, tal como a fênix e aparece sempre muito forte. Pura vida e muitas vezes morte.



Assim, a análise nos permite debruçar na sinergia das palavras, das letras – vogais, consoantes – sonoridade dos vocábulos.

No poema a Terra aparece como um elemento abençoado e o Sol é divindade. Dentro desse universo estão inseridos o regionalismo, com as marca do Nordeste, como a seca, o homem nordestino, com seu misticismo, e força física, o folclore, as cantigas e as ladainhas.

Nas linhas do poema sugere: “Irmã” como um grito de força, chamamento da tempestade/chuva/enchente. Há musicalidade nos versos e agradecimentos ao tempo, ao espaço e ao místico (fenomenologia).

Em “vamos dar graças a Nosso Senhor, que a minha madrasta Seca torrou seus anjinhos para os comer”. Há reverência e religiosidade, como quem agradece o elemento água /chuva, e a oportunidade de apartar a seca e trazer esperanças para um povo sofrido, devido à seca (regionalismo nordestino).

Em: “Seca torrou seus anjinhos para os comer” podemos verificar uma outra perspectiva e uma visão poética antropofágica (período modernista) onde Tarsila do Amaral, em sua obra “Abapuru,” nos remete a um encontro entre o “devorar”, e o “reelaborar. A poética Jorgeliana nos propõe uma reconstrução imaginária, onde a poesia traz uma simbologia regional, religiosa e mística do Nordeste.

Consolida o regionalismo nordestino como uma corrente específica dentro do movimento modernista do primitivo Brasil colonial ao antropofágico. O poeta Jorge de Lima busca a transcendência e a superação das contradições do mundo moderno. É a partir da representação artística que ele reordena o espaço místico e a esperança futura.

São Tomé passou por aqui?  
Passou, sim senhor!  
Pajeú! Pajeú!  
Vamos lavar Pedra Bonita, meus irmãos,  
com o sangue de mil meninos, amém!

No fragmento exposto, o eu lírico debruça sobre a religiosidade “São Tomé passou por aqui? Passou, sim senhor!” Com uma simbologia religiosa e uma esperança para o povo sofrido. Em: “Vamos lavar Pedra Bonita, meus irmãos”. observamos uma conexão entre o fragmento poético Jorgeliano, com a historicidade religiosa.



D. Sebastião ressuscitou!  
S. Tomé passou por aqui?  
Passou, sim senhor.

Na estrofe anterior nota-se na figura de Dom Sebastião como uma crendice popular nordestina. Sua origem se deu metade do século XVI. Surgiu da crença em que Dom Sebastião, rei de Portugal desapareceu na África enquanto comandava as tropas portuguesas. Esta mitologia, para esta concepção religiosa, perdurou no imaginário português, até o século XVII. Esta ressurreição e concepção religiosa, apresentada no poema Jorgeliana, nos mostram um movimento que traduz certa inconformidade com a situação política vigente e uma expectativa de salvação.

Terra de Deus! Terra de minha bisavó  
que dançou uma valsa com D. Pedro II.  
São Tomé passou por aqui?  
Tranca a porta, gente, Cabeleira aí vem!  
Sertão! Pedra Bonita!  
Tragam uma viagem para D. Lampião!

A poesia cavalga em um solo fértil e de raízes profundas onde o clamor pelo humano, a libertação religiosa e a liberdade de expressão marcam a poética de Jorge de Lima. Em: “Terra de minha bisavó que dançou uma valsa com D. Pedro II”. Nota-se uma crítica social, religiosa em, um período de opressão, devido a escravatura brasileira. O passado e a paisagem nordestina são paralelos poéticos nesta construção: “Tranca a porta, gente, Cabeleira aí vem! Sertão! Pedra Bonita! Tragam uma viagem para D. Lampião!

Texturas, cores e formas religiosas dão presença a vida e marcam um lirismo Cristão em Jorge de Lima que expõe o tempo, a fé e o sobrenatural nesta poemática.

Em: “ O mundo do menino impossível”, Jorge de Lima apresenta o cenário imagético e singular do Nordeste: o fim da tarde, os sinos, o luar, as direções da vida, os meninos impossíveis e possíveis na poesia jorgeliana:

Fim da tarde, boquinha da noite  
com as primeiras estrelas  
e os derradeiros sinos.

Entre as estrelas e lá detrás da igreja,  
surge a lua cheia  
para chorar com os poetas.



E vão dormir as duas coisas novas desse mundo:  
o sol e os meninos.  
Mas ainda vela  
o menino impossível  
aí do lado  
enquanto todas as crianças mansas  
dormem  
acalentadas  
por Mãe-negra Noite.

(LIMA, (2000) p. 130.)

Nordeste o norte do Oeste, é onde o sol parece esconder-se; o poente, que é sempre renascido pelo guia místico do Nordeste, tem o Sol como um Deus. Assim, o final do dia é um momento de oração para o Deus Sol, dono do dia, dessa terra abençoada pelo astro rei.

O Sol é um símbolo de Jesus Cristo, da vida, da morte e da ressurreição. Seus raios representam os apóstolos.

O poeta usa a palavra poética para descrever a realidade humana, a poesia social modernista, numa linguagem espontânea, com marcas do regionalismo se afirmava no período. A poesia estava a serviço da libertação dos homens e das almas atormentadas pelas modificações históricas e sociais do início do século.

[...] Fim da tarde, boquinha da noite  
com as primeiras estrelas  
e os derradeiros sinos.  
Entre as estrelas e lá detrás da igreja,  
surge a lua cheia  
para chorar com os poetas.  
E vão dormir as duas coisas novas desse mundo:  
o sol e os meninos [...]  
[...] “Faz de conta que os sabugos  
são bois...”  
“Faz de conta...”  
“Faz de conta...”  
E os sabugos de milho  
mugem como bois de verdade...  
e os tacos que deveriam ser  
soldadinhos de chumbo são  
cangaceiros de chapéus de couro...  
E as pedrinhas balem!  
Coitadinhas das ovelhas mansas  
longe das mães  
presas nos currais de papelão![...]  
(LIMA, (2000) p. 130.)



No poema “O mundo do menino impossível”, demarca um período de transformações históricas, onde a guerra, a industrialização, a imaginação e os contextos religiosos fazem parte deste cenário mitopoético. Por meio da palavra Jorge de Lima propõe uma libertação da alma. Em: “O mundo do menino impossível” denota-se mundos paralelos, onde a simplicidade e a ingenuidade social, e contrastam com a exploração consumista. A libertação e o aprisionamento chocaram - se com o real e o imaginário.

### **Poesia e religiosidade em Murilo Mendes**

As linguagens: poética e religiosa operam metáforas, como instrumento de mensagem transcendentais, visíveis no poema “*O utopista*” de Murilo Mendes:

#### O utopista

Ele acredita que o chão é duro  
Que todos os homens estão presos  
Que há limites para a poesia  
Que não há sorrisos nas crianças  
Nem amor nas mulheres  
que só de pão vive o homem  
que não há um outro no mundo.

MENDES, (1994) p. 50.

Em “O utopista” o eu-lírico “acredita que o chão é duro”. Nesse sentido, existe uma marca de rigidez de pensamento, uma negação do mundo material, um negativismo, uma desesperança, mesmo na presença de pensamentos religiosos. No entanto a ideia é transmitir um raciocínio crítico, que aciona a consciência social: “Que todos os homens estão presos”.

A poesia de Murilo Mendes reconstrói uma análise histórica. Quebra qualquer rigidez do tempo; “Que só de pão vive o homem que não há um outro no mundo”. A realidade social sofre com a falta de amor, de poesia, de liberdade e de uma busca interior. A poesia é capaz de libertar e curar. Por meio dos escritos de Murilo Mendes observamos este sopro de esperança e luz. Uma viagem a transcendência religiosa. Para os incrédulos não há um Deus, pois tudo não passa de utopia. Não há libertação e sim aprisionamento.



No poema “Tentações paralelas”, pode se observar uma aproximação entre a beleza e a morte, como eixos centrais do poema:

#### TENTAÇÕES PARALELAS

O espírito me transporta a um lugar muito alto,  
me mostra teu corpo decotado.  
Matar aquele homem,  
caminhar na extensão morena do teu corpo!  
Os anjos me transportam ao lugar mais alto do mundo  
e me mostram só tua cabeça decotada  
pensando em mim.

(Mendes, (1994) p. 121)

A disposição das palavras no poema, nos remete ao imaginário místico, onde “O espírito me transporta a um lugar muito alto” O espírito representa a revelação de um imaginário. Em: “me mostra teu corpo decotado” nota-se a rítmica poética, no corpo feminino ao mostrar uma marca carnal: “Matar aquele homem, caminhar na extensão morena do teu corpo!” Uma ideia de começo e fim do desejo. Um arrebatamento e salvação, uma textura religiosa apocalíptica entre fim, recomeço e libertação.

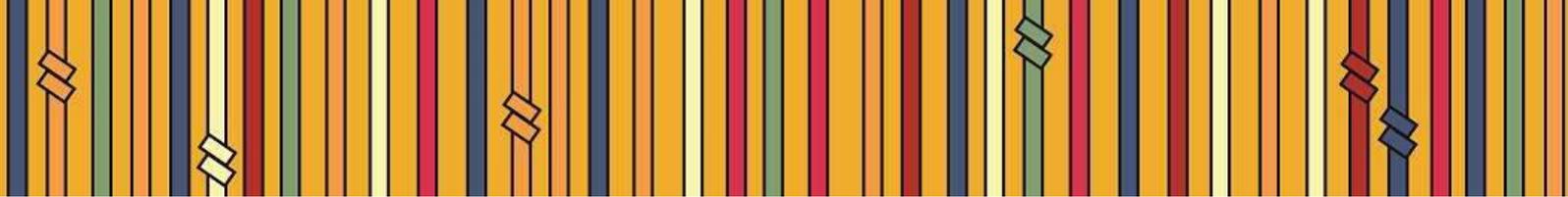
A poesia religiosa de Jorge de Lima e de Murilo Mendes - Imaginário Mitopoético nos propõe um mergulho dentro de nós mesmo. A busca pela essência do ser transcende a vida. Resgata a religiosidade e o nascer da fênix como símbolo de luta e reconstrução de um período de dor e busca para descoberta do significado das palavras, do poema, do mítico e da compreensão do imaginário. Por meio desta pesquisa tivemos a oportunidade de mergulhar no campo de signos e significados mitológicos, revisitar a historicidade, os veios poéticos e dar luz a poesia.

#### Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. (Trad. de Antônio de P. Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. (Tradução de M<sup>a</sup> Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2012.



\_\_\_\_\_. *O Imaginário. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

\_\_\_\_\_. *Campos do Imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

\_\_\_\_\_. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. Trad. Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. JUNG, Carl. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. (Trad. de M<sup>a</sup> Luíza Appy e Dora Mariana R. F. da Silva). 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LIMA, J. de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: José Aguilar; Brasília: INL, 2000. v.1.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.

Moisés, Massaud. *História da Literatura Brasileira: Modernismo*. V. 5. São Paulo: Cultrix, 1996.

PITTA, Danielle Perin Rocha. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*. São Paulo : Edições Loyola, 2007.